JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS

FRAGMENTOS E POEIRA

(POESIAS)

Editora
Henriqueta Galeno
Fortaleza — Ceará
1985

JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS

ESCOLA DE 1o. GRAU
JOÃO DAMASCENO

FRAGMENTOS E POEIRA

(POESIAS)

Fortaleza — Ceará
1985

ESCOLA DE 1o. GRAU
JOÃO DAMASCENO

FRAGMENTOS E POEIRA

Ao longo do caminho a nós prescrito,
Núcleos de resistência, os mais diversos,
Encontramos, de cujo forte atrito
São fragmentos ou poeira estes meus versos.

Sabemos que é na dor e mais adversos,
Que a alma se retempera ao infinito.
Há no contexto deste livro imersos
Sinais de redenção quando explicito.

As lutas e combate enfrentados,
Vez de ânimo viril, vez abatido,
De esperança, porém, todos marcados.

Que a Fé presente em tudo consolida
A força e o bem no espírito remido
Por Jesus, Deus-conosco e nossa vida.

MEUS VERSOS

I

Do espontâneo revestem-se os meus versos,
Como o sol ao nascer no mês de agosto;
Como os cantos dos pássaros dispersos,
Como os prantos que rolam pelo rosto.

Como o amor do Senhor nas almas posto
Pela fé de Jesus, seus dons diversos;
Como irrompem suspiros no desgosto,
Como os servos da Virgem rezam terços.

Como o sorriso em lábios de criança,
Como aos jovens faz festas a esperança;
Como o corrente d'água no seu leito.

Como diante do Altar prostram-se os crentes;
Como abraçam as mães benevolentes
Seus filhos pequeninos contra o peito

ESCOLA DE 1o. GRAU
JOÃO DAMASCENO

II

Assim são os versos meus, sinceramente,
Marcando os acidentes dos caminhos.
Não coram de exibir cardos e espinhos
Que às colheitas se ajuntam, fartamente.

Mostram ainda a corola redolente,
Se acaso as flores abrem-se em carinhos
Ao longo da jornada, ou aquecem, vinhos
De fé e de amor o coração da gente.

Não nego os desacertos dos seus modos,
Seus rústicos modelos de expressão;
Não lhes censuro ouvir dizer a todos

O que vêem, pensam, julgam, sentem frente
À realidade humana, sem coação,
Que viesse a disvirtuá-los simplesmente.

SONETO

Quando escrevo meus versos, um soneto
Vou modelando, estrofe por estrofe,
Um quarteto primeiro, outro quarteto,
Espontâneos surgindo vão de chofre.

Aparece depois o que é um terceto;
E sem que a gente saiba por que bofe,
Outro terceto sai, quando o poemeto
Já no copo efervece como o ORLOFE.

Se tento revestí-los de outras formas,
O esforço meu retoma as mesmas normas,
E eu tenho, no final, mais um soneto.

É automatismo incrível tudo isto;
Eis a simples razão porque persisto
Nos "superados" moldes do dialeto.

ESCOLA DE 1o. GRAU
JOÃO DAMASCENO

UM BALANÇO

O tempo da colheita já passou...
Tornou-se o respirar penoso e lento.
E o fruto temporão, se nele atento,
Não tem sabor nem cheiro, pois mirrou.

O agricultor que não se resignou
E as "socas" vai ceifar, ao sol e ao vento,
Bem vê que das primícias do rebento,
Nem a beleza e o viço os encontrou.

Mas se recolhe na extensão do eito,
Os pequeninos brotos entanguidos,
Retorna para casa satisfeito.

Sou como o agricultor, um obstinado,
A recolher os restos mal nutridos
De flores e de frutos, conformado.

PAISAGEM FRANCESA

Ao Poeta Costa Matos

No perpétuo verdor das alamedas
De Versalhes, as próprias Tulherias
Revivem, no esplendor das cores ledas,
Seu passado de glória e de agonias.

Na França da Bastilha há alegorias
Que ao contexto da História falam quedas,
Do triunfo dos Bourbons, de faustos dias
E de sua decadência em horas tredas.

Ao conflito do ideal iluminista,
Tinge o solo francês de sangue, à vista
Caem os velhos padrões da dinastia.

As Nações abalaram-se e cederam
À força das idéias que venceram
Paris — cidade luz que as irradia.

O FORTE DA ASSUNÇÃO

Gosto de olhar-te assim, pequeno outeiro
De nossa História, rico em tradição,
No solo cearense, onde primeiro
Plantou seu marco a colonização,

Quando o flamengo braço pioneiro,
Erguera ali com zelo e precaução
À margem do Pajeú — nosso ribeiro —
Forte, que o luso o chama da Assunção,

As bases pôs da Fortaleza antiga,
Que ontem, como hoje, e no amanhã prossiga
Na rota do progresso real, crescente.

Um Quartel General é ali postado,
Sentinela avançada do passado,
Guardião da segurança do presente.

HITLER

Explode o gênio da Nação teutônica
Com as energias pletóricas da raça,
Mas lhes faltaram disciplina e a tônica
Dos ditames da paz que o amor congraça.

O Fuherer ergue a voz altiva e irônica,
E arrebatar consegue grande massa,
Sob o signo nazista, diz a crônica,
Aos planos de vingança que ele traça.

Pela falsa miragem do conceito
Do super-homem de Nietzsche, perfeito,
Afeta a Hitler criminoso orgulho.

E ao tentar dominar povos inteiros
À escravidão da força, com os parceiros
Leva a Alemanha à divisão e ao esbulho.

EXORTAÇÃO

Aos que sofrem e têm a virtude da Fé

Cada manhã elevo o pensamento
Para o bom Deus presente às Escrituras,
Salmo e preces rezo e experimento
Como é doce pairar nestas alturas.

Você também que sofre algum tormento,
Preso às garras do tédio ou de amarguras,
Contrito a Deus se volte — eis o momento,
Com fé, com amor e tendo suas mãos puras.

E verá como é suave a sua presença
No encontro da oração que nos redime,
Com espírito de fé e adoração,

Ao Pai que nos perdoa e o Bem dispensa.
Já liberto da angústia que lh'o oprime,
Tão logo sentirá seu coração.

AVANTE! IRMÃO

Você, meu irmão, que sofre em desalento
Desumana inflação que nos devora,
Batendo à nossa porta a toda hora,
Tirando às nossas bocas o alimento,

Unamo-nos com forte e novo alento
Em busca de um melhor futuro agora,
Alijando a injustiça onde se ancora
O cortejo fatal desse tormento.

Junto ao povo de Deus, vem, caminhemos
Unidos a Jesus, que venceremos,
Em nome da justiça. Nos é dado

Por Deus que pede amemo-nos, irmão,
Sejamos puros de alma e coração,
E assim combaterá do nosso lado.

PROTEÇÃO DIVINA

Em meio às tempestades desta vida,
Singrando no alto-mar sobre onda inflada,
Vejo em minha fraqueza que sou nada,
Ante os tombos que sofre a "nau" querida.

Assim, quando a julgara já perdida,
Com a vela de meu barco destroçada,
Quem me conduz, por certo, na jornada,
É a Mão da Providência que, estendida

Vem ajudar-me, ao fraco e ao pequenino,
Aos pobres deste mundo e ao peregrino,
Como às vítimas do ódio e incompreensão.

Espero no bom Deus que me sustenta,
Só por Quer sobrevivo à cruel tormenta,
E há de levar-me ao cais da salvação.

AMPARA-ME, SENHOR!

Este mundo adverso que acompanha
Com gestos desleais os passos meus,
É este mesmo que usando de artimanha,
Procura colocar-me contra os Céus.

Maldosos articulam-se em campanha
Movida contra mim, por trás dos véus
Da velha hiprocrisia, e, com tamanha
Desenvoltura própria aos fariseus.

E assacam-me calúnias, vilania,
A vigiar-me os caminhos que percorro,
Na tentativa de flagrar-me um dia.

Na minha sensação de desamparo,
Ouvi, Senhor, vos clamo por socorro!
Sou um pobre servo que vos pede amparo.

PREFIGURAÇÃO

I

Como o mito pagão do Prometeu
Acorrentado ao Cáucaso da lenda,
Quem com os deuses do olimpo entra em contenda,
Quando o fogo dos céus aos homens deu.

Tal cólera nos deuses se acendeu
Contra aquele que quis, numa oferenda,
Aos humanos criar uma legenda
De inteligência e amor, como um troféu.

É o que nos diz a lenda grega antiga,
Sua narrativa mítica postiga
O castigo feroz que o atormentava.

É o gênio do mal que assim conspira
Hostil à humanidade que suspira
Por libertar-se da matéria escrava.

II

Faz lembrar o episódio conhecido
No Gênesis do Antigo testamento,
Quando pela serpente é seduzido
O primeiro casal que implanta o evento

Do primeiro pecado e estarrecido,
Perde a graça de Deus. Nesse momento
É expulso do paraíso e conduzido
Para a terra do exílio e sofrimento.

Restituiu-nos, porém, o Bem perdido,
Jesus — Filho de Deus do Céu descido,
Que ímpia gente o prende e é flagelado,

E entre ladrões pregado à Cruz o faz,
Por trazer-nos justiça, amor e paz,
É ainda hoje nos seus servos condenado.

UMA PRESENÇA

A penumbra do quarto onde eu dormia
Povoou-se-me de sonho e de esperança.
Fúlgido o anjo da paz e da bonança
Em tudo pôs um toque de alegria.

Sonora suavidade se irradia
Enchendo toda a casa em onda mansa,
Com celeste expressão em nós descança
O sorriso bondoso de Maria.

Este Quadro magnífico e sublime
Que das trevas do mundo nos redime
Aos eflúvios castíssimos do amor,

É a presença de Deus que se revela
Na doçura da fé, com a Virgem bela,
Rainha e Mãe nossa, Mãe do Redentor.

CONSAGRAÇÃO A MARIA

Ao Mons. André Camurça

Nas horas de tristeza ou de amargura,
Sempre encontrei refúgio em Ti, Maria,
Por isso, quero tê-la como guia
Na caminhada para Deus segura.

De teu nome irradia tanta doçura,
De teu semblante tanta paz; diria
Que é impossível minha alma ficar fria
À tua bondade e amor, ó Virgem pura.

Ó doce e Imaculada Conceição,
Desejo consagrar-te o coração
Com todos os afetos e fraquezas.

Recebe-o e purifica-o, Mãe querida,
Na chama deste amor que é luz e vida,
Dá-lhe a visão de Deus, de suas grandezas.

MARIA

Ao Dr. Ésio R. Louzada

Fora a Virgem Maria predestinada
Por Deus para ser Mãe do Redentor.
Desde a criação do mundo que o Senhor
A preparou com zelo à sua morada.

Como Filha do Pai, fá-la adornada
Das celestes virtudes no esplendor.
Como Esposa do Espírito do Amor,
Mãe do Filho de Deus, Imaculada.

Elo bendito, tríplice e divino,
De Filha, Esposa e Mãe, une-a a Deus Trino,
No mistério de Amor da Encarnação.

Ei-la, torna-se a Virgem predileta,
Predita por Isaías — grande Profeta, —
De Quem nos nasceria a Salvação.

PRECE

Senhor! que tudo vedes e assistis,
Não só na superfície, na aparência,
Mas em profundidade, a própria essência
Dos seres e das cousas mais sutis.

Que sofro, bem sabeis. Se o mal que fiz
Fez-me assim merecê-lo com violência,
Usai com o vosso servo de clemência,
Sustendo o gládio que me fere à raiz.

Libertai-me das garras do inimigo...
Que em vosso amor encontre paz e abrigo
Nas ciladas dos meus perseguidores.

Pois serei como o feno ressecado
Sob os pés dos transeuntes triturado,
Sem ter vossos orvalhos protetores.

CATEDRAL DE FORTALEZA

A Dom Edmilson Cruz

I

A nossa Catedral erguendo os braços
Por suas longas torres nos convida
Para o êxtase da prece comovida
Que nos liberta dos terrenos laços.

São exclamações de fé, de amor e vida,
Que projeta na angústia dos espaços,
Como os nossos anseios buscam os Paços
Da morada de Deus, estremecida.

Olhando sua impotência e majestade,
A cúpula, os vitrais, a bela e artística
Arquitetura, enfim, na sua unidade,

Monumental sugere assim um liame,
Da moderna cultura à fé patrística,
Entre esta Catedral e a Notre Dame.

II

Entremos nela. Cristo está presente
Na Hóstia branca, imaculada e pura
Que repousa no Sacrário, onde fulgura
No Altar acesa a lâmpada candente.

Reina paz e harmonia neste ambiente
Sagrado de esperança e de ternura;
Dos segredos dos Céus, Jesus murmura,
No silêncio interior do povo crente.

Aqui, a comunidade em oração,
No culto, na palavra e adoração
A Deus, se estreita em comunhão sentida,

Que nos faz prelibar, com mais fervor,
As delícias da Casa do Senhor
Que nos espera para além da vida.

ANTE A CRIAÇÃO

Ao Poeta Desidério de Sousa

Perdoai-me, Senhor, se o louco anseio
De um pobre coração vos ofender.
Minha alma se azafama em doce enleio
De sonho e de esperança rossicler.

Na criação vos adoro, louvo e creio
Que em pérolas de luz fizeste-a ser,
Com a Natureza e a Graça, num torneio
De perfeição e amor que dão prazer.

Quão ávidos de beleza, os olhos meus
Perlustram seu segredo, os vastos céus,
Refloridos jardins, rosas e trevo.

Galgo as próprias montanhas, desço aos vales,
Baixo ao fundo do mar, enfrento os males,
Fito às vezes, curioso, o que não devo.

NO ÊXODO

Ao Dr. Francisco José R. Gomes

I

O povo hebreu, outrora, libertado
Da escravidão do Egito, caminhava
Na senda do deserto e era amparado
À dextra do seu Deus que o comandava,

Conduzia e orientava em seu amado
Servo Moisés, depois Josué, e o olhava
Com seu divino e paternal cuidado,
Da coluna de luz que o acompanhava.

Na fome, lhe provia o Maná dos Céus;
Na sede, as águas puras do rochedo;
No Sinai, deu-lhe a Lei — preceitos seus.

Com força e com prodígios, de vencida,
Prostra inimigos; reis tremem de medo.
— Ganha seu povo a Terra Prometida.

II

Também somos teu povo e caminhamos,
Migrantes nas estradas deste mundo,
Com tantos empecilhos que encontramos,
Tantas ciladas, tanto abismo fundo,

Sem a tua ajuda todos naufragamos
No Mar Vermelho da opressão oriundo,
Com a injustiça a marcar-nos, aonde vamos.
Confirma ao nosso olhar no céu jocundo,

Sinais de Tua presença benfazeja.
Dá paz, amor e luz à Tua Igreja
Que, livres, nos conduza em segurança

À cidade de Deus, mansão sagrada,
Nova Jerusalém por Deus amada,
Simbolizada na Arca da Aliança.

NATAL

Ao Pe. Mariano R. Matos

Feliz Natal! Ressoa no Universo
Cristão, de norte a sul, de leste a oeste,
Com vibrações de sinos no ar celeste;
Lapinhas de Belém — Divino berço.

Luzeiros nas cidades, som disperso,
Da Catedral a ermida, sertão e agreste.
Paz e alegria aos lares nos trouxeste
Fazendo em luz o mundo inteiro imerso.

Quanta ternura, quanto amor encerra
O mistério de Deus que desce à terra,
Na forma fraternal de uma criança,

Por vir trazer aos homens a bondade,
O perdão, a justiça e a caridade,
E ao mundo conturbado uma esperança.

NO LIMIAR DE 1980

A década setenta atinge o fim,
E o decênio de oitenta se inicia.
Exausto e roto pela estrada envia,
Coberto em pó, sangrando os pés, enfim,

Chego a seu limiar sem euforia.
A grande cerração me deixa assim...
Os caminhos que se abrem para mim,
Não lhes vejo os contornos, a harmonia.

A experiência de tudo que hei vivido
Deixa-me tenso, ao rumo indefinido
Dos ventos que transmudam a paisagem.

Aclarai-me, Senhor, no mundo escuro,
A senda verdadeira que eu procuro,
E a graça de seguí-la com coragem.

CONFITEOR

I

Sinto, já não sou mais como era dantes,
De espírito otimista e lutador.
Foram-se minhas forças mais vibrantes,
Desfalece em meu ser todo o vigor.

Será o fardo dos anos? As constantes
Procelas desta vida? Este amargor
Que sobe das entranhas lacerantes
Dos males que me afligem com furor?

Pois meu passo vacila, a mente falha;
O sentido da vista se me turva;
Toda a sorte de angústia me retalha.

Já me chega o torpor da luta insana...
— Desenganos? Cansaço? Atinjo a curva
Da paisagem sem vida de um nirvana.

II

Quedei-me triste e ouví tua voz celeste,
Divino Mestre amigo, na Escritura,
Falas-me em tom paterno, com doçura:
"Toma tua cruz e segue-me", disseste:

"Se queres vir a mim". No mundo agreste,
Eu te peço, Senhor, dá-me a segura
Visão do tem amor, à luz mais pura
Da fé que me sustenta e me reveste,

Nas ciladas do mal, qual santo escudo.
Dá-me, quão mais ferido, ou mais vazia,
Mais forte me erga e marche, sobretudo.

Marcando embora em sangue nos escolhos,
Afronte o mundo hostil, seu desafio,
Mesmo que jorrem lágrimas dos olhos.

SOFRIMENTO E ESPERANÇA

Castigou-me o Senhor? Beijo-lhe a mão.
Que mais posso fazer! Sou pobre e fraco.
Se às procelas adversas dou cavaco,
Sacudido à distância, à rejeição,

Humilde e pequenino, ao turbilhão
Da vida sou lançado, sem casaco.
E ao fim dos meus esforços só destaco
As tragédias de ingênuo trapalhão.

Devo imitar o velho dromedário
Que atravessa os desertos africanos,
Se o simum abrasador o colhe vário.

É curvar-me e esperar que cesse um dia,
A rude tempestade, com os seus danos...
E com a bonança e a paz volte a alegria.

MINHA "VIA CRUCIS"

Esta minha "via crucis" vai marcada
Com sinais indeléveis, verdadeiros,
Dos passos meus ao longo da jornada,
Em sangue eternizados nos outeiros,

Os quais subi levando a cruz pesada
Das incompreensões, anos inteiros.
Por vez dos ódios vis a mão manchada,
Tentou-me trucidar como a cordeiros.

A perfídia, a maldade e o mau destino,
Leviano e caprichoso, assaz ferino,
Se lançam contra mim por muitas vias.

Desta maneira, quase desespero,
Não fora minha fé, pois nela espero
Libertar-me o Senhor, como a Tobias.

CONCEITOS VIVENCIAIS

Ao Dr. Luiz de S. Sampaio

I

O coração do pobre também pulsa
De nobres sentimentos animado,
Embora assim não pense o colocado
Mais alto em posição na vida insulsa.

Ao vê-lo, com despiste requintado,
Da meta de atenções aquele o expulsa,
Sentindo às vezes nojo e até repulsa
Por aturá-lo mostra-se irritado.

Se lhe tolera, às vezes, certamente,
Nem sempre o amor fraterno está presente,
Mas preservar só visa o seu bom nome.

Filhos do mesmo Deus, os vi, surpreso,
Um que a vergonha amarga do despreso,
Que degusta o outro a glória do renome.

II

Um mundo de pobreza, eis o problema
Gerado da riqueza acumulada
Nas mãos de poucos, muitos sem ter nada,
Num terrível e trágico dilema,

A questionar se a terra foi criada
Por Deus, que é Pai de todos, para o esquema
Que se implantou e vai servir de tema
Ao deslizar da pena já empunhada.

Não seria justo o pai que assim fizesse.
Mas Deus é bom e a gente reconhece
Que a razão não se ajusta a tais excessos.

Se no despojamento de milhões
Locupletam-se sempre os tubarões,
São injustos e opressivos tais processos.

III

Deixando o pobre cada vez mais pobre,
É o rico que se torna ainda mais rico.
Desmedida ambição já não descobre
Que a morte o espreita da montanha ao pico.

Não importa a quantos seu prestígio dobre;
Se a seu conforto deslumbrado fico.
As honras que recebe, por ser nobre,
Se tudo passa nesta vida. Explico.

Como ao rico epulão, glória e renome
Frustram, se em torno a si clamam de fome,
Milhares e milhões de outros irmãos.

Pois Deus lhe pedirá contas um dia,
Mas não antes de ofertar sua luz e guia,
Como o fez a Zaqueu — estende-O as mãos.

IV

A bondade de Deus não tem limite,
E a todos quer salvar, pacientemente.
As mensagens de amor que nos transmite,
Não devemos calar conscientemente.

Porém ao encontro vamos do convite,
Ouvindo a voz do Mestre, firmemente,
Como o fez São Mateus; que ao mundo incite
A fé do nosso gesto transparente.

"Tu só creste, Tomé, por que me viste.
É ditoso quem crer, Jesus insiste,
Sem nunca ter me visto." A esta expressão,

Mais forte se tornou nossa esperança
De que é através da fé que a gente alcança
O Reino da Justiça e do Perdão.

V

Nos ódios que a injustiça exasperou,
No mundo a Deus negando, como o fez.
Com a violência e a opressão acarretou
Terrores e apreensões — como vereis.

No Evangelho Jesus nos ensinou
Que pelo amor do irmão conhecereis
Os que são seus discípulos. Deixou
Bem claro por que não vos enganeis.

"O que fizeste ao meu menor irmão,
A Mim fizeste." Dí-lo em São João.
E, pede ao Pai: "Que todos sejam um.

Eu neles e Tu em Mim, para que sejam
Consumados na união... E que assim vejam
A minha glória que lhes fiz comum."

VI

Bem quisera acolher-te, ó povo meu,
Como a galinha acolhe os pintainhos.
Mas não quiseste o apelo ouvir do Céu,
Desprezando, insensível, meus caminhos.

Por isso dias virão ao povo hebreu,
Dias cheios de amarguras e de escarninhos.
Chorou depois Jesus. No rosto seu
Há lágrimas de dor e de carinhos.

Jerusalém que matas os Profetas
E desprezas, agora, o dom de Deus,
Males sem conta sobre ti acarretas.

Prevê Jesus a ruína irremessível
Do Templo e da Cidade, seus troféus,
Pela invasão romana irresistível.

VII

Vede o mundo, aí está, a contorcer-se,
Na mais grave e cruel de suas crises.
Violação dos direitos, em suas raízes,
No seio da sociedade a cometer-se.

Revoluções e guerras, como ater-se
Em clima hostil de tensos e infelizes;
Ter no ódio e na ambição suas diretrizes;
E em terror catastrófico viver-se?

Desastres econômicos entravam
A maior parte das Nações do mundo.
A doença, a fome, o desemprego gravam

Milhões de pobres seres sofredores,
De endividados países, — mal oriundo
Da insensibilidade dos credores.

VIII

Os homens insensatos precipitam
A furiosa corrida armamentista.
E os povos tumultuados não meditam
As consequências que lhes põem à vista.

Ameaçam, afinal, toda a conquista
Das civilizações que ao longo editam
Os séculos de história, à cuja pista
As frágeis estruturas periclitam.

Os castigos de Deus no Apocalipse
Já se esboçam no mundo, sem eclipse,
No potencial das armas nucleares.

Manipulam nações, ao bel-prazer,
À própria destruição, à morte ao ser,
Pois desagrega a vida, a terra e os mares.

IX

Em verdade, nem tudo está perdido,
Face à misericórdia do Senhor.
Basta tenham os homens decidido
Voltar-se para o Cristo Redentor,

De coração humilde e arrependido,
Tal como o publicano, a cuja dor
Jamais despresa o Pai, mesmo ofendido
Dos filhos que retornam a seu amor.

Abraça-os e festeja-os com ternura,
Dá-lhes sandálias novas, roupa e anéis,
Com música e banquete em seu regresso.

Deus pode e os quer salvar à sina escura
Do pecador. Se voltam a ser fiéis,
Aos povos mandará paz e progresso.

RAZÕES DOS FRACOS

Razões dos fracos, na praça,
Como folhas secas são.
Se o vento dos fortes passa,
Não fica nada no chão.

Porém os fracos, se unidos,
Se erguerão como um farol.
E os seus direitos sofridos
Firmarão lugar ao sol.

É que a voz da multidão
Fala mais alto e mais grosso.
E os muros da obstrução
Põe abaixo e aterra o fosso.

É sentença lapidar,
Que a força está na união.
Não devemos despresar
Da voz do povo a lição.

QUANDO CHEGA A VELHICE

A Bernardo Filismino

Quando a velhice bate à nossa porta
E com sua autoridade vai implantando,
No outono de uma vida, o seu comando,
Assume a direção da casa e exorta

Suas normas diferentes. Não suporta
Sofrer contestações. Àqueles quando
Os seus mais belos sonhos expulsando,
Não questiona o vazio que desconforta.

Passa a arrumar as coisas como quer...
Elimina-as em parte. As cores fortes,
Ao tônus do crepúsculo faz ceder.

Mas, à fria e melancólica estação,
Na paz do firmamento azul, suportes
Dos mais serenos sóis brilhando vão.

MELANCOLIA

I

Respiro em tudo a só melancolia,
Desde a rósea manhã à luz do ocaso,
Somando aos olhos meus, monotonia,
Paisagem do deserto, em campo raso.

Se escuto o canto da ave, ou a melodia
Que outrora me empolgava a curto prazo,
Hoje os ouço, quais trenos de elegia,
Ou expressão de tristeza, em cada caso.

Já não consigo mais prender-me a nada...
A rude sensação da experiência,
Em tudo faz-me ver uma cilada.

Ódio não tenho ou visos de vingança
Contra quem quer que seja, mas a essência
De um desencanto imenso como herança.

II

Impassível persisto, muitas vezes,
Por longo tempo tendo os pés descalços,
Que um clima saturado de percalsos,
Pisar me faz em brasas, por soeses

Momentos de amargura e de reveses,
Que embora fundamentos tenham falsos,
Não desistem de amar-me cadafalsos,
Sentenças de apressadas exegeses.

Surpreendo-me arrastado, com estranhesa,
À circunstâncias aparentes presa
Fácil de um juízo, enfim, não lisongeiro.

Isto me ocorre com frequência tal
Que visualiso o espírito do mal,
Tentando confundir-me em meu roteiro.

III

Retirai-me, Senhor, de minha fossa,
E fazei-me triunfar dessa tristeza,
Dilatando o horizonte da Beleza
Por onde tenha acesso esta alma e possa

Relegar para trás toda estreiteza
Que tende a sufocar, como na roça,
Certas ervas daninhas. Quem me endossa
Resistir a opressão que aos homens lesa?

Concedei-me, Senhor, a fortaleza
Que me faz superar toda a fraqueza,
E ante as forças do mal se me refaz.

É o segredo dos santos e dos sábios,
Trazer ações de graças nos seus lábios,
Quando o mundo lhes quer roubar a paz.

SUBLIMAÇÃO

Não alimento terrenas esperanças,
Dos que são novos, fortes com saúde.
Sou velho, já me faltam tais heranças,
Tentei suster a barra, mas não pude.

A prudência e a bondade são alianças
Do velho indispensáveis, mais amiúde,
Quais lhe resta salvar, em suas andanças,
Com a paz de Deus constante da virtude.

Se a paciência, o perdão e a caridade,
São decerto bastões da humanidade,
Que dizer dos mais velhos, irmãos meus?

Só a riqueza cultural da fé e do amor,
Da piedade e bom-senso, seu bom humor,
Vão torná-los feliz perto de Deus.

QUANDO MOÇO

Quando era moço, conduzindo sonhos,
Ideais formosos que me estimulavam,
Os meus dias eram cálidos, risonhos,
E céleres meus passos avançavam.

A palmilhar embora ermos tristonhos,
Meus olhares ditosos lobrigavam
Flores em profusão que os tons bisonhos
Em festões coloridos transformavam.

Mas o tempo chegou em que a ilusão,
Como fogueira em noite de São João,
Em cinzas se desfaz, que o vento leva,

Quando ao cair da tarde o sopro frio
Do ocaso se anuncia, entre o sombrio
Final do dia e o aproximar da treva.

CINCOENTA E NOVE ANOS

Aos cincoenta e nove anos de existência
Já tenho a força física alquebrada.
A velhice pressiona com insistência,
E põe-me abaixo a porta da pousada.

Indefeso, não reajo à sua violência,
No assalto que me faz por essa estrada
Que sempre palmilhei, numa sequência
De espinhos e de abrolhos eriçada.

Revejo-a assim de espírito cansado,
Sem sonhos e ilusões que sempre mentem,
Quando volto meus olhos ao passado.

Já não bastam, porém, tais inclemências,
Marcam gestos hostís que se pressentem
Dolosa inspiração das aparências.

ILUSÕES DESFEITAS

Ninho de inspiração, quão doce abrigo
Dos meus dourados sonhos de criança.
Louras manhãs de sol e de bonança,
Noites brancas de luar, a que bendigo,

Do adolescente ao adulto — tempo amigo.
Minha terra distante; na lembrança,
Estas horas felizes de esperança,
Como escrínio de amor guardo-as comigo.

Desilusões que chegam, pouco a pouco,
Lá, como aqui, na minha pobre vida,
Acabam por fazer-me quase louco.

Fatídica loucura que a velhice
Faz-me experimentar como perdida
A batalha travada em moço, o disse.

NO CREPÚSCULO

Na penumbra do ocaso, vultos leves,
Diáfanos como flóculos de espumas,
Que fluem e se retraem, bailar de plumas,
Projetam-se e desfazem-se entre neves.

De um ciclo do passado, cenas breves
Que surgem redivivas, como algumas
Silhuetas caras, por detrás de brumas,
Quais tu, meu pobre verso, não descreves.

Na paz tranquila, ao longe, em seu recesso,
Perfís desfilam, rostos que eu conheço,
Do anoitecer à baça claridade.

É a doce evocação de um tempo amigo
Que se foi; amados gestos que lobrigo
Com seus lencinhos brancos da saudade.

SOBRE A TRISTEZA

Tenho escrito, meu Deus, coisas sombrias,
Que a muitos faz pensar, sem amor, sem fé.
Mas Jeremias — Profeta de Javé,
Lamentações também fez em seus dias.

Ó, Habacuc, vejo o quanto te angustias,
Em tuas deprecações Àquele que é,
Pelos males de Israel; clamas até
Vir de Deus a resposta em Quem confias.

Na noite tenebrosa da agonia,
Até Cristo em Getsêmani dizia:
"Minha alma está triste". Fazem ver

Os exemplos citados, de fé e amor,
Como a própria tristeza, angústia e dor,
Inseparáveis são do humano ser.

CENÁRIOS CONTRASTANTES

A Carlile Martins

I

Já me falta o vigor da inspiração
Que pérolas colhia de um fundo poço.
Da abóbada celeste em profusão,
De estrelas, luminárias — um colosso.

Como às asas soberbas de um falcão,
De humilde sonhador em carne e osso,
Fantasias deslumbrantes de emoção
Arrebatavam-me a alma, quando moço.

Dos campos e jardins recolhi flores,
Chilreios e borboletas multicores,
Perfumes inebriantes de açucena.

Os segredos do amor e da beleza
Revelam-se com efeito e com grandeza,
A encher-me o coração de luz amena.

II

Mas, pouco a pouco, o tempo foi passando,
As águas a turvar do povo antigo.
E as estrelas no céu vão se afastando
A altura inacessível; não consigo

Retê-las, como outrora; ou aprofundando,
Do firmamento a luz não mais lobrigo.
Envolve-o a cerração que, desdobrando,
Já lhe empana a visão como um castigo.

Descortinam-se os campos e os jardins,
À mortiça claridade melancólica,
Sem borboletas, sons, rosas carmins.

Fina poeira do tédio no ar se faz,
Que me adere à epiderme. E a luz bucólica,
Daqueles sonhos bons não brilha mais.

RETROSPECTO

I

Quando olho, Senhor, o meu passado,
Infância, adolescência e juventude,
Maturidade, enfim, toda a amplitude
De minha vida, ao longo contornado,

Uma cousa descubro, em plenitude,
Que me deixa bem triste e encabulado:
Todo o meu sonho ou ideal acalentado
Já trás a marca de um desfecho rude.

Por mais que o cerque de cuidado e zelo,
Remata, quase sempre, em pesadelo,
Ou um erro de visão fá-lo a estilhaços

De encontro a alguma rocha ou obstruções,
Não me poupando a pele das lesões
E traumas, com problemas e embaraços.

II

Voltando o pensamento ainda mais denso,
Ao princípio das cousas, seus efeitos,
Ir primeiro buscar nos meus defeitos
A lógica dos fatos, sou propenso.

Tranquilo e calmo evito ficar tenso,
Por guiar-me pelas regras e preceitos
Que me levam ao cerne dos conceitos,
Na força do equilíbrio e do bom senso.

E após grandes esforços, resultantes,
Chego a duas conclusões, prenhes de dano:
— Jogos de circunstâncias conflitantes

Conspurcam-me a intenção, mesmo a mais pura,
Alienando-me como ser humano;
— Ou de falhas da mente em sua estrutura.

III

Complexo de fatores divergentes,
No conjunto de suas modalidades,
Que embora contrastantes realidades,
Harmonizam-se em formas convergentes,

Ao conspirar em campos diferentes,
Pois ambos portam suas identidades
Com efeitos sobre todas as idades,
Conduzindo a injunções mais aferentes.

Que devo então fazer por libertar-me
Dos affaires adversos, negativos,
Que tantos males vêm de cumular-me?

Pois presunçosos olham-me, e incisivos
Acham-se no direito de negar-me
Os meus mais caros pontos positivos.

IV

Pensando bem não vou ficar maluco
Ao que dizem de mim os fofoqueiros.
Neste caso, não sou entre os primeiros,
Nem o último serei neste trabuco.

Aos olhos detratores, eu retruco:
Meu espírito alto paira em seus roteiros...
Tua trave não interessa aos meus argueiros.
— Por que direis: não bebo deste suco?...

Hei de vencer a tudo, em Deus espero.
Quem confia no Senhor não espera em vão.
É o meu maior consolo, o que mais quero.

Pois tudo o que acontece aos filhos Seus,
— É São Paulo quem diz para o cristão —
Concorre para o bem dos que amam Deus.

PERTURBAÇÃO

O fluxo a perturbar da minha idéia,
Existe um que de trágico e perverso
Que a limpidez me tolda do universo
Da mente torturada que a rastreia.

Como aranhas que tecem a sua teia,
Embarga-me a visão quando converso,
Ou veda-me a escrever em prosa ou verso.
Se ouço o zumbir da abelha em sua colmeia,

Não tenho acesso ao mel, cujo sabor
Volatiza-se, imponderavelmente,
Deixando a frustração, no seu amargor,

A impregnar-me o viver com ironia,
Ao ver passar, desoladoramente,
Do que já fui, a sombra fugidia.

MÚSICA DO PASSADO

A José de Jesus A. Azevedo

Um sólo musical sobe aos espaços,
A ondular formidável e envolvente,
Cingindo com a ternura de seus braços
A alma e o coração tristes da gente.

Pois que traz para mim, nos meus cansaços,
Algo de acariciante e renascente;
Desperta-me emoções que são pedaços
De um tempo que se foi saudosamente.

Soa forte e mais sentido, longamente
Vibrado por clarim doce e plangente,
O torrencial de sons que ouvira outrora.

Arrebata-me, assim, de um pesadelo!...
Que eu reviva um passado que foi belo,
Mas longe está, meu Deus, tão longe agora.

AO MONS. TITO QUEDES

No seu 30.º aniversário de vida sacerdotal

São seis lustros de vida consagrada
Ao serviço de Deus, da Santa Igreja,
Que hoje asinala. — Etapa conquistada
No sublime combate em que peleja

Contra as forças do mal, nesta escalada
Da Virtude e do Bem que Cristo enseja
Aos pastores fiéis da Eclésia amada
Que os homens pela Fé salvar deseja.

Com humildade cristã, do Mestre ao ensino
Solícito conduz e ao Dom divino,
As almas que o procuram como guia...

Por isso, Padre Tito, no Senhor,
É com muita ternura e muito amor
Que lhe parabenizo neste dia.

A JOSÉ PERBOYRE C. PINHEIRO

Com admiração e apreço

O mais humilde sou dos servidores
Felizes de vos ter por chefe e amigo.
Sou grato e a todo instante a Deus bendigo,
Por tê-lo conhecido nos albores

De diferente etapa, em que prossigo
Na vida funcional, cujos rigores,
Tão cheios de acidentes, dissabores,
Marcaram meu viver como um castigo.

Por entre as decepções de toda a vida,
Minha alma desfalece, então vencida,
Das lutas e dos anos. E, hoje, a fundo

Respira a nova e salutar visão
De bondade, a que o vosso coração,
Inteligente e nobre, alegra o mundo.

ALMA DE ARTISTA

A Manoel M. Matos, com admiração e estima

As frias e rudes formas da matéria,
Ei-las, transcende e as espiritualiza.
À linguagem das cousas, vaga e etérea,
Apreende o segredo e o imortaliza.

Porquanto se lhe infiltra em cada artéria,
Luz que gera os painés e a Monaliza,
O Moisés, Paz e Guerra e a Musa em Féria,
Notre Dame e a outras obras eterniza.

Partituras, canções e as subtilezas
Do gênio modelar onde se espelha
O belo funcional de áureas surpresas.

São projeções das almas dos Artistas,
A quem Deus comunica uma centelha
Da mais suave e humana das conquistas.

JOSÉ MARIA LOUZADA

(In Memoriam)
Aos seus desolados parentes, esposa e amigos

José Maria Louzada! a prematura
Morte arrancou-te à vida, de repente.
Tua ausência nos revela à dor pungente,
Quanto esta vida é rápida e insegura.

Teus parentes e amigos, tristemente,
Falam de ti. E a sólida estrutura
Do teu Alvorada Clube. E esta ternura
Da música "Lembranças" — teu presente.

Revejo-te aos serões que longe vão,
Nas horas de euforia ou de tensão,
Ao abrigo do meu lar, — velha amizade!

Bom filho, bom esposo, irmão e amigo,
Adormeceste em Cristo. Estão contigo,
Nossas preces a Deus, nosa saudade.

BELA CRUZ

Aos meus conterrâneos

Aqui distante, ó minha Bela Cruz,
Quão doce me é lembrar todos os dias,
Quando escutava as ledas harmonias
Da passarada, em tuas manhãs de luz.

Revejo a tua Matriz, erguida em cruz,
Que tantas e incontáveis alegrias
Proporcionou-me, às santas liturgias,
Com irmãos e amigos, cuja fé traduz,

Do alto da torre, a Virgem Protetora
Da cidade feliz de que é Senhora,
A velar por teu povo, as mãos em preces.

A seus pés, ruas e praças, teus passeios
P'ros céus, jardim abertos, sobre esteios
De vida, amor e paz, onde floresces.

SAUDAÇÃO JUBILAR

Saudações ao Instituto Imaculada
Conceição, nos seus vinte e cinco anos
De existência fecunda e consagrada
À missão de ensinar seres humanos.

Teus filhos, Bela Cruz, cidade amada,
Nós vibramos aplausos, muito ufanos,
Ao render-lhe a homenagem reservada
Do mérito aos princípios soberanos.

Neste tempo de glória e exultação,
Quem mais alto nos fala ao coração,
É a voz da admiração reconhecida.

Que as bênçãos do Senhor, a luz dos céus,
Orientem, para sempre, os passos teus
Rumo a novos triunfos, pela vida.

AO MONS. ODÉCIO

Com grande estima e respeito

Contemplei-o nestas festas jubilares
Do soberbo instituto que fundou,
Cuja figura heráldica lh'o doou
Solidez e estruturas luminares.

Seu trabalho por Cristo, com os milhares
De gestos de bondade que espalhou
Ao rebanho que sempre apascentou,
Fazem-me mergulhar entre cismares.

No progresso, em geral, diretamente,
Ou de modo indireto, mas palpável,
O sinal de suas mãos se faz presente.

Sua nobre face emérita traduz,
De fato e de direito, incontestável,
Ser o maior benfeitor de Bela Cruz.

FILARMÔNICA DE BELA CRUZ

A Joca Lopes

Confesso fui deveras surpreendido
À beleza de sons de forma harmônica
Tirada ao instrumental da filarmônica
Há apenas sete meses adqurido

Pelo edil da cidade e conferido
A jovens insipientes, cuja tônica
Já do mérito paira além da crônica,
Pelo perfeito desempenho havido.

Nas festas jubilares do Colégio
Tive ensejo de vê-la e ouví-la, um régio
Presente ao povo citadino, cujo

Baluarte foi da velha aspiração
Que afinal se tornou realização,
O artista Joca Lopes de Araújo.

PROCISSÃO DOS MORTOS

À Memória de meus Pais

Tardinha, ao lusco-fusco, vou encontrar
As horas de um crepúsculo avançado.
E envolto nelas sinto-me lançado
A um mundo astral, sozinho, a contemplar

Cumulus que se movem dentro do ar,
Em translúcido e difáfano bailado.
Parecendo-me ouvir, em tom velado,
Qual mensagem de paz a surdinar

Pelos espaços. Surgem do passado,
Enquanto tento ouví-la, extasiado,
Queridos entes meus, em procissão.

Com ternura e saudade me entristeço
De uma suave tristeza, reconheço,
Que magoa e acaricia meu coração.

ACARAÚ

A Nicodemos Araújo

Relembro com carinho os belos anos
Que ali passei; sua gente hospitaleira;
Seus vastos coqueirais sob a fagueira
E branda viração dos oceanos.

Sua formosa Matriz, e, em outros planos,
Escolas e Avenidas; a urbe inteira,
Do centro aos bairros; sua visão faceira;
Seus pontos de atração e lazer humanos.

Eu lhes mando através deste soneto,
Meu grande abraço e faternal afeto,
Num testemunho vivo de amizade,

À cidade e ao bom povo acarauense,
Cuja nobreza de alma nos convence,
Por quem sinto ternura, amor, saudade.

A POESIA

Ao Prof. Alberto César

É a poesia o ar vital que se respira
Simultâneo ao oxigênio da beleza,
Cuja oxiemoglobina, ao som da lira,
O mundo transfigura em sutileza.

Curtindo esta hematose, acende a pira
Dos nossos sentimentos, com agudeza.
Ora alegre entusiasmo nos inspira,
Ora a tristeza ou a dor, em profundeza.

Traz rouxinóis, travessos beija-flores,
Que habitam no beiral do mesmo lar,
Pondo harmonias e beijos sonhadores.

E ao dar à vida um aspecto diferente,
Cria-lhe novas paisagens a cantar,
Faz a essência do amor ser mais presente.

A UM POETA

Poeta! Tens ao alcance de tua mão,
Um tesouro suavíssimo de glória.
Não o disperdices nunca, meus irmãos,
Como, ele, o filho pródigo da história

Que um dia contou Jesus à multidão
Do povo que o seguiu na trajetória
De sua vida terrena, além região
Palestinense, em rumo da vitória.

Discerra a natureza, aos olhos teus,
O livro escrito pelo próprio Deus,
Cheio de sabedoria e de belezas.

Mira-te em seu conteúdo majestoso
E o Autor verás. E não darias tal goso
Por insanos prazeres ou riquezas.

QUANDO CHEGA O INVERNO

A José Mozart de Araújo

As chuvas caem a cântaros, molhando
As ressequidas terras nordestinas.
E as desnudadas matas renovando,
Reveste-as de verdores e as campinas.

E a natureza morta reanimando
Com vigorosas seivas matutinas,
Brotar em flores fá-la, preparando
As generosas messes vespertinas.

Correm os riachos, enchem-se as lagoas,
Transbordam nossos rios; e suas garoas
A tudo envolvem com suas brancas rendas.

Os pássaros contentes lhes saúdam
Em festivos concertos; se transmudam
Em paisagem feliz todas as tendas.

PAISAGEM HIBERNAL

Ao Dr. José Pinheiro B. Neto

As matas hibernais mais verdejantes
Que margeiam os caminhos e a lagoa,
Onde o canto dos pássaros ressoa
E a luz do sol refletem deslumbrantes,

Aliciam os olhares perscrutantes
Dos felizes transeuntes, numa boa;
Ou quando lhes borrifa uma garoa,
Salpicadas de flores trescalantes.

Pelúcia setinosa, as suas sombras
A perene maciês têm do veludo,
No frescor delicioso das alfombras.

Do homem e de outros seres, com ternura
Hinos sobem a Deus — Senhor de tudo,
Neste templo suntuoso da natureza.

CRIADOR E PAI

A José Tarcísio Luz

A natureza canta a sua seresta
Nas manhãs invernais, às matutinas
Horas, quando liberta, alegre e lesta,
Dos temores da noite entre as cortinas

Que a luz do sol discerra e a tudo empresta,
Ao murmurar das fontes cristalinas,
Às ressonantes frondes da floresta,
Que nos imprimem n'alma unções divinas,

A beleza e o esplendor, clima de festa
Que a orquestração dos pássaros atesta
E o encanto seu de amor nos arrebata.

Inscrita em tudo vemos a bondade
De Deus Criador e Pai, Vida e Verdade,
A Quem o homem por vez nega e maltrata.

NO AMANHECER

Ao Poeta Rogaciano L. Filho

I

Levanto-me, às manhãs, tendo a alma em festas,
Por contemplar o branco das neblinas
Que se espalham nas várzeas e campinas,
Coroam o cume aos montes e às florestas.

Ao pique das ternuras manifestas
Com o bafejar das auras matutinas,
Delicadezas pondo e essências finas
Dos lírios e das rosas sem arestas.

Das alturas do céu, de algumas frestas,
Débil disco solar, de cores pálidas,
Espia por entre as névoas alvacentas.

Dos pássaros, saudadas, de asas lestas,
Suas luzes, pouco a pouco, são mais cálidas,
Ainda que de aparências sonolentas.

II

Eu as vejo desfazer-se, gradualmente,
Como cortina diáfana e invariável,
Que intensa se desdobra alvinitente,
Nos limites visuais do imponderável.

E o contorno das coisas, lentamente,
Define-se à minha vista, comparável
Ao despertar de um sonho, incontinente,
No impreciso das formas, mais instável.

Os rochedos, as árvores e as flores,
As sebes e as campinas multicores,
As searas, os regatos e a lagoa,

Tudo vai se aclarando, finalmente,
Rio acima vi a canoa, e, à luz candente,
Pastar no campo o gado, e o búzio soa.

SUAVE ENCANTAMENTO

A José Maria F. Aguiar

Os perfumes dos campos e jardins
Cujo acesso usufruí monologando
Com suas flores silvestres, seus jasmins,
Suas nobres verdes matas contemplando;

Tais encantos, meu Deus, do "belo" afins,
Dos fulgores do sol que dardejando
Seus raios vem aquecer até os confins,
Dessa estância feliz me afeiçoando,

Exultam-me a sorrir de goso infindo;
No perfil de um regato lesto e lindo
Que azul reflete a cúpula do céu.

E a leda passarada delirante,
Que seu canto extravasa, exuberante,
Da ternura e do amor rasgando o véu.

AMOR UNIVERSAL

Deus fez a natureza a que estremece
Nas várias formações da litosfera,
Desde a sua superfície, ou quando desço
Ao núcleo mais central, à barisfera.

Se aos píncaros dos Andes me arremesso
Ante a visão sinistra da cratera,
Os vulcões ainda admiro. Na biosfera,
Aos mistérios da vida um grande apreço

Tenho, às leis dos seus reinos naturais,
Às estações do ano, a cada esfera.
Potenciais de energia; e aos minerais.

À realidade do homem. À atmosfera,
Seus gases e elementos tão vitais.
À estrela, ao sol, à lua e à estratosfera.

CAMPESINO

A Expedito D. Filho

Em campos verdes, brisas perfumadas,
Gorgolejos de fontes cristalinas
A irrigarem planícies e colinas,
Borboletas azuis em revoadas.

Há pássaros canoros, peregrinas
Carícias dos alísios e alvoradas,
Festões de cores, luzes, orvalhadas
Manhãs que se desdobram purpurinas.

A ouvir mugir o gado no curral,
O balido da ovelha no redil,
E o berrar dos caprinos no chiqueiro.

Cacareja a galinha, e, ao bamburral
Fucinham suinos. Flor primaveril,
Com o meigo colibri bisbilhoteiro.

NA ROÇA

Sentado à sombra fresca dos cajueiros,
Ou repousando na "tucum", fruía
As carícias de amor da ventania,
Quando agitava as palmas dos coqueiros.

Da mata verde escuto a sinfonia
De intérpretes alados, prazenteiros,
Mugidos displicentes nos terreiros
Do gado que malhava e remoía.

Que se perdem de vista, ao lado, mais
Roçados e capoeiras, do outro, ao vivo,
Os cajueiros em flor e os matagais.

A Natureza ali nos oferece
Conforto e paz, no encanto primitivo,
Que o ambiente da cidade desconhece.

PAISAGEM DO CAMPO

A José Lopes Vasconcelos

Na branda elevação que aos horizontes
Ascende, lenta, até perder de vista,
Às brumas da distância emerge a crista
Da mansa placidez azul dos montes.

Arquibancada imensa, a masterdontes,
Gramado assaz enorme, pebolista,
Circunda, em volta, embora, além, persista
A opalescência fluidica das fontes.

Nas cores que deslumbram nossos olhos,
Com as próprias dimensões, alacremente,
De lúdicas visões, livres de abrolhos,

Recreia-se a paz, aqui, perenemente
Descontraída de íntimos refolhos,
No ludus infantil que envolve a gente.

REALIDADE

Luta, sonho e esperança, assim tem sido
A minha caminhada de alguns anos,
Enquanto as decepções e os desenganos
Tornaram-na, por certo, sem sentido.

Com a mente torturada e o peito ardido,
Ante as contradições e os desumanos
desígnios dissolventes dos meus planos,
Há os desmoronamentos do vencido.

Tenho a minha alma e o próprio coração
Minados já por tantos dissabores,
Que o viver se me torna uma paixão.

Perdoa-me, Senhor! Mas eu não minto.
As coisas que escrevi têm essas cores
Da dura realidade do que sinto.

DETRATAÇÃO

Não sei porque razão sou detratado
Por muitos que, suponho, não fiz mal.
O meu mais simples gesto natural,
De escusas intenções sempre é marcado.

Preconceito ou maldade; acumulado
Ressentimento enfim; súmula irreal
De identidade estranha, ou acidental,
Só por ouvir dizer, sou condenado.

Em consequência sou desfigurado
Com máscara ridícula e lançado
De crédulo reduto à execração.

E assim — caricatura desprezível —
Sob o impacto de um mundo imprevisível,
Sinto-me às vezes tonto e sem ação.

O FALSO PURITANO

Esforço-me em tornar-me indiferente
À insensibilidade ousada e feia,
Do torpe badalar maledicente
Da língua sem respeito da honra alheia.

Descreio da honestidade que alardeia
Calúnia, a denegrir gente inocente.
De frustrações supondo-o de alma cheia
Que a difundir letal veneno intente.

É próprio, aliás, do espírito leviano,
Com a ostentação de falso puritano,
O conduzir-se alguém pela aparência.

É falta de pudor, é hipocrisia,
Aos outros atribuir o que seria
A iníqua violação da consciência.

UM BONECO

Como um reles boneco, um vil brinquedo,
Sofre às mãos infantis macerações,
A perder, pouco a pouco, suas feições,
Suas próprias estruturas, rude e quedo,

Fez-se um farrapo humano, bem mais cedo
Do que seria previsto, em condições
Normais de ser, sem dilacerações,
Prematura velhice, cujo enredo,

Suponho haver descrito, mais ou menos,
Com rigorosos símbolos serenos,
A efígie de uma vida em que definha,

Após a inglória luta, a cada dia,
Com o ideal da mocidade. Quem diria?
Eu ter de confessar: é a vida minha.

PEDRA DE TROPEÇO

I

Corre o tempo e por ele a idade avança,
Num rítmo implacável, sem returno,
Nasce e cresce, ama e sofre, por seu turno,
E por caminho vário o homem se lança.

São tantas as opções que a vida alcança,
Que às vezes faz o mundo taciturno
Vacilar angustiado ante o noturno
Véu do mistério, à atônita esperança.

Tantas cousas estranhas se sucedem
No nosso dia-a-dia, que nos impedem
De apreender-lhe, por vezes, sua extensão.

São os bons e os inocentes que padecem,
E os maus que impunes "fazem e acontecem",
E ainda zombam dos pobres com a opressão.

II

Outra é quando ao tentar fazer o bem,
Servir aos outros, se nos é possível,
E encontrar resistência; ou inflexível
Torce as boas intenções que a gente tem.

Nem sempre nós podemos ser alguém
Que tudo faz de modo irreversível,
Conduta monolítica e invencível,
De invariáveis ações, como prevêem.

Às vezes nos tornamos constrangidos,
Ante injustos conceitos que a triagem
Faz de autênticos, seres foragidos

Dos campos do dever em defasagem,
Que nos desencorajam, confundidos,
Na nossa identidade e nossa imagem.

ADIAMENTO

Curioso o que me marca a alma sofrida
Ao ritmo quotidiano dos meus passos,
Ao enfrentar tempestades e mormaços
Que lhe abrem cicatrizes, nesta vida.

Há bem poucas etapas da partida,
Já me sentia inteiramente a braços
Com um saldo negativo de fracassos,
Na disputa feroz desta corrida.

Porém, cada manhã nascente traz
Nova esperança, enfim, que se desfaz
Ao transcorrer dos dias renovados.

Metas que sempre adio, na conjetura
De vir sugar meus lábios a doçura
Daqueles sonhos bons nunca alcançados.

CENAS DA SECA

Quem não vê o espetáculo sem nome,
De miséria da seca do Nordeste?
Diga, embora, ao contrário, o cafageste,
Morre aqui todo dia gente de fome.

Se queres ver exposto numa epitome,
O flagelo da seca, vem ao agreste
Sertão do meu Ceará, e, jamais conteste
Que até cobra e lagarto o povo come.

Levas de retirantes, cada dia,
Já se aglomeram na periferia,
E esmolando se espraiam cidade a dentro.

Há previsões de que, deste ano ao fim,
De novecentos mil famintos, sim,
Fortaleza será palco e epicentro.

Data: 25.08.83.

O PROBLEMA DA SECA

Em que país vivemos e em que terra,
Na qual de fome deixam-se morrer
Brasileiros sem conta? Dão-me a crer
Corações insensíveis como a guerra.

Há tanta má vontade até que emperra
No coração dos homens do poder,
A eficaz decisão de combater
Os efeitos sinistros que ela encerra.

Medidas paliativas não redimem
Dos flagelos da seca que os oprimem,
Pois não vencem de vez o atroz problema.

Mister se faz ordenem plano certo,
Por um nordeste próspero e liberto.
— Redenção ou martírio — eis o dilema.

PELOS FLAGELADOS

De humana e patriótica beleza,
Foi o SOS que a Rede Globo promoveu
Em prol do nordestino que nasceu
Sob o signo da seca e da pobreza.

Fez sensibilizar a alma grandeza
Do povo brasileiro que atendeu
A esse apelo dramático que fez seu,
De milhões de famintos, com presteza.

Era de ver a solidariedade
Que forte irrompe da comunidade
Pátria, de norte a sul, dando-se as mãos.

Até que ultrapassou nossas fronteiras,
Quando almas generosas, estrangeiras,
Partilharam conosco, como irmãos.

O MENDIGO

Sentado ao pé da praça, um velho maltrapilho,
Olhar distante e triste, olhar desalentado.
Pus-me-lhe de frente, e o seu olhar perdido
Sequer se apercebeu de mim, posto a seu lado.

Era um pobre mendigo. Fí-lo interrogado...
Desperto como que de um sonho introvertido,
Ele me fita e diz: já fui feliz e honrado.
E agora, vê senhor, sou pobre e em nada tido.

Porém, adormeceu e sonhou o velho, um dia,
Que alguém lhe conduzia em pompas triunfais,
Por uma estrada linda, que subia... subia...

E sentia-se tomar da indiscritível paz
Azul, que sempre amou, do manto de Maria,
Feliz, muito feliz... E não acordou mais.

O CEGO DA PRAÇA

Encontrei-o, certo dia,
Sentado a um ângulo da praça,
Pobre e cego ali pedia
Uma esmolinha à porfia
Ao transeunte que passa.

A cada esmola, o ceguinho
Cantarolando agradece:
"Deus te guie no bom caminho,
Livre-te do mau vizinho
E das filas do INPS."

Filas do INPS? Inquiri-o:
Se há tantos males no mundo,
Peste, guerra, fome e frio,
Marginais — almas sem brio,
Que matam, que ferem fundo?

Surpreso, fala o magano:
'Não sabes? Credo! Cruzes!
Ali sofre o ser humano,
Do desprezo mais tirano,
Em pleno século das luzes."

"Na fila, o pobre coitado,
Desde as duas da manhã
Às nove horas, postado...
Quando ouve, amargurado:
Encerrou-se. Só amanhã."

"A ironia desta expressão,
De tão frequente, parece,
Tornou-se como um refrão
De desespero e aflição,
Nas filas do INPS."

"Após seguir com atenção,
Seus argumentos, vi bem,
Que o ceguinho tem razão.
Só quem não tem coração,
Não lhe percebe também.

Em 27.07.78.

FELIZ ENCONTRO

No deserto da vida conheci
Um certo oásis florido e verdejante,
Onde o clima é suave e refrescante
A amenizar as penas que sofri.

Fartura igual de bens jamais a vi,
Ao longo dos meus dias de caminhante,
Em busca da ventura estimulante
A cujo itinerário persegui.

Surpreende-me, afinal, o grande achado
De amor, beleza e paz, sempre adornado,
De inspirações e encantos, fé e doçura,

Qual tesouro de graças, florescentes,
Com o que me deparou Deus, de repente,
No mundo, ao prisma alegre da ternura.

EM NOITE DE VERÃO

É noite silenciosa de verão...
Ouço o rumor apenas dos meus passos
Na rua deserta e muda; nos terraços
Adormecidas flores pelo chão

Sob um pálido luar em descenção...
À torre esbelta da Matriz compassos
De um cronômetro que nos marca a espaços,
Noturnas horas. Cresce a solidão...

Súbito ao longe irrompem sons macios
De uma flauta, de suaves vibrações,
Que se alongam plangentes e erradios,

Despertando-me na alma as emoções
De um sonho indiscritível de amavios
De um passado distante a evocações.

UM VISUAL

Da natureza a vida exuberante
Revela-se ao verdor do matagal,
Cuja esplendente seiva vegetal
A palpitar-nos canta deslumbrante.

Pelo espectro solar, belo e irisante,
Nas frondes sob o orvalho matinal,
Pedrarias multicores — alto astral
Que nos surpreende e inspira, delirante.

Do perfume do campo às trepadeiras,
Floridas lianas, aves cantadeiras
De frondosos pomares que desatam

Em deliciosos frutos sazonados,
A quantos os contemplam extasiados,
Beleza, encanto e amor os arrebatam.

NOITES DE LUAR

O luar do sertão onde eu nasci,
No plenilúnio sob um céu azul,
Sua luz serena e mansa envolve exul
O campo, a várzea e a mata. Como ali

Reinam silêncio e paz, de norte a sul,
Sua láctea alvura a tudo veste! Ouvi
De longe em longe, o tímido cri-cri
Dos grilos escondidos no paul.

No seu brando ciciar repassa o vento...
Da saudade soa a voz como um lamento,
No canto-exclamação da mãe-da-lua,

Que a alma impregna das noites enluaradas.
E às serenas estâncias desoladas
O gargalhar do mocho se insinua.

MÁSCARA DE PALHAÇO

Máscara de palhaço que me emprestam
Os julgamentos fáceis e arbitrários
A alguns dos gestos meus, se manifestam
A certas circunstâncias refratários.

Ligam-nos logo, aqueles que os contestam,
A fatos ou questões imaginários,
Aos quais os sentimentos meus detestam,
Do vil despeito os fulcros ordinários.

E existem os que crêem, sem mais nem menos,
Nas calúnias de espíritos pequenos
Que o ser me desfiguram numa hiena.

Não chegam nunca a averiguar de certo
As honestas razões que mais de perto
A verdade traduzem, mais serena.

POEMA

Ao Côn. Joviniano L. Sampaio

A caminhar pela estrada
Cheirando à terra molhada
No frescor do alvorecer,
Orvalhos que se destilam,
Os insetos que pipilam,
Trazem encanto e prazer.

Tudo é doce suavidade
Na atmosférica umidade
Que gostoso fluido encerra
A elevar-nos os sentidos
A meigos sonhos vividos
Desde a infância da terra.

Dos caminhos a amplidão
Simboliza a vastidão
De nossas aspirações
Inexprimíveis, por certo,
Se Deus não fica por perto,
Dentro em nosso coração.

Mas tudo fácil parece
Quando a gente não esquece
As próprias limitações,
E vai buscar comovida
À fonte mesma da vida
O repouso aos corações.

A montanha que aparece
Na alva, em rituais de prece
Queimando o incenso da neve,
E à cúpula que se estende,
Círio-cumulos acende
A rósea luz que o descreve.

Os passarinhos em festa
Cantam hinos na floresta
Que todinha se engalana
De vasta esteira de flores
Belas, castas, multicores,
De onde o perfume dimana.

De uma riqueza infinita
Reveste-se quem medita
Na bondade do Criador.
É feliz, gosa de paz,
Reconhece, mais a mais,
Deus fez tudo por amor.

Deste pensamento cheio
Como um anjo de recreio
Delícias experimenta,
Sem saber dizer porque
Ainda há gente que não crê
No Deus Pai que nos sustenta;

No seu Filho muito amado
Que morreu na Cruz pregado
Para a nossa Redenção.
Sobe, após ressuscitado,
Aos Céus, Rei foi coroado
Da Celeste Habitação;

No Paráclito que vem,
Descido em Jerusalém,
P'ra ficar conosco; visto
Como o Autor da Santidade
Que nos traz a identidade
De discípulos de Cristo.

Na Santíssima Trindade
Venceremos com humildade,
Muito amor e gratidão
A Deus Pai que nos criou,
A Deus Filho que salvou,
E a seu Espírito de União.

Na cor verde da esperança,
Como um sonho de criança
Expresso em tudo só vejo
Esta sensibilidade
Própria daquela idade
De ternura e de desejo.

Todo dia, desde o arrebol,
O astro-rei da luz — o sol —,
No seu giro triunfal,
A tudo aquece e ilumina,
Vida e força dissemina
Na sua passagem normal.

As paisagens que descobre
Em suas andanças de nobre,
São de festa aos nossos olhos.
Suas belezas singulares
Põe à vista, terra e mares,
Porventura os seus escolhos.

Como um monarca a reinar,
A seu sistema solar,
Luz, energia e calor
Oferece em cumprimento
Ao mandato, sempre atento,
Que lhe outorgou o Criador.

À noite, o céu estrelado
É um manto escuro adornado
De pérolas, gema e cristal
Que às arcas tira dos céus,
Por mostrar-nos, o bom Deus,
Com carinho paternal.

A lua vai no firmamento,
Majestosa a passo lento,
Lançando luzes a nível
Suave, terno e envolvente
Que acordam na alma da gente
Sensações do indefinível.

A princesa dos espaços,
Com doçura meus cansaços
Elimina incontinente,
Por sua graça ingênua e mansa
Da pureza que descança
No seu semblante indulgente.

A borboleta a brincar
De flor em flor a pousar
Com seus modos infantis,
É uma parte de mim mesmo
Que também caminha a esmo
Nas veigas primaveris.

Pouco importa a minha idade
Que ultrapassa a mocidade
Se algo ainda me faz criança,
Junto à harmonia e à beleza
Que me ostenta a natureza
Na sua riqueza e bonança.

A criação é um altar
Com um Sacerdote a rezar:
O Poeta. Ambos imersos
Em perfumes de louvor
Que vão subindo ao Senhor,
No holocausto de seus versos.

De eternas inspirações
E imprevistas emoções
Num doce clima envolvente,
É este templo cor de rosa
Que a natureza formosa
Abre as portas para a gente.

Eis minha prece suprema
No final deste poema
Ao grande Deus dirigida:
Mostra aos teus servos, Senhor,
Da face tua o esplendor,
Todos os dias de sua vida.

Se o espelho da natureza
Se lhe reflete a grandeza,
Em proporções naturais,
No interior da alma da gente
O Imutável Transcendente
Põe suas glórias imortais.

Esta visão fortalece
Nossas fraquezas e aquece
As almas no amor de Deus
Que as desprende do mundo,
No seu desejo profundo
De contemplá-lo nos Céus.

Como o incenso, cujo odor
Sobe da terra ao Senhor,
Num ato de adoração,
Assim nossa alma se eleva
Liberta de toda a treva,
Na mais ardente oração.

FONTE DE GRAÇAS

Prática salutar, na qual insisto,
Nas tentações da carne ou do egoismo,
É ver em cada irmão pelo batismo
Membro do Corpo Místico de Cristo,

E, como tal, sagrado. Não resisto
À mensagem de fé do cristianismo,
Que no afeto e respeito, no otimismo,
Minha alma fortalece. Se persisto

Fiel a esta doutrina, com evocá-la
Nas reais dificuldades, pois me fala
Da Divindidade expressa em cada irmão,

Minhas paixões convertem-se em ternura,
Perdão e amor, com a mente casta e pura,
Vendo nele Jesus, com mais razão.

CÍRCULO VICIOSO

Sou acusado em todo tempo e modo,
De orgulhoso, egoista e contumaz.
Retraído como sou, cada vez mais
Envolvido me sinto neste engodo.

É um círculo vicioso que me faz
Sentir-me prisioneiro, o tempo todo.
De suas malhas de ferros e de lodo,
De libertar-me já não sou capaz.

Mas tenha embora angústias, vivo em paz,
Na fé que Deus me deu, consciente assaz
Da passageira estância desta vida.

Incompreendido sou, bem sinto e vejo,
Mas a exemplo de Cristo, arcar desejo,
Ódios, contradições, de fronte erguida.

CREIO EM DEUS

Ao Aloísio Bezerra

Reconhecendo embora o modo injusto
Com que me tenho comportado, às vezes,
Quando assaltado sou pelos revezes,
Desolado, frequente, os venço a custo,

Se vacila a confiança no Deus justo,
Com emoções afetuosas e corteses,
Que sua bondade inspira nas asceses
Ao grande e amável Soberano Augusto.

Quem há que nesta vida de incerteza,
Firmado na promessa do Deus vivo,
Não sinta renascer-lhe a fortaleza?

Se nos oculta, às vezes, pouco dura
A ausência do Infinito Amor Ativo,
Em proteger o filho que o procura.

AMBIÇÃO ILÍCITA

Os homens de negócios ou de ciência,
Políticos, Nações, entre os felizes,
Aqueles há que seguem diretrizes
Do próprio Maquiavel, em sua carência

De uma ética moral e de consciência.
Ou praticando históricas reprises
De analogias aos truques de Cambises,
Por dominar a "egípcia" resistência.

E se tais expedientes dão sucessos,
Truculentos, por vez, não lhes importa
A ilegitimidade dos processos.

Impérios financeiros, povo exangue,
Nasceram da injustiça que comporta
Explorações e lágrimas e sangue.

RUINAS

Sonhei com muito amor, muita beleza,
Paisagens encantadas de luar,
Jardins de lindas flores, sutileza
De perfumes que errassem pelo ar.

Ao lado uma casinha, a correnteza
De um regato transparente a marulhar;
A floresta que além um salmo reza
E a passarada alegre a descantar.

Tinha o peito repleto de emoções...
E assim minha alma toda era canções
Líricas, deliciosas, campesinas.

Mas vendavais nefastos e tristonhos,
Os castelos dourados dos meus sonhos
Puseram-nos por terra, feitos ruinas.

IRONIA E HUMILDADE

De muita gente no semblante eu leio
A falsa imagem que de mim se faz.
Mas não é fácil desfazer o enleio
Em que laboram tais pessoas em paz.

Firmados sempre sobre vago esteio
De acusações gratuitas, e demais,
Ao meu comportamento mais alheio
Atribuem-se intenções, mesquinhas, más.

Ante o "bicho papão" dos meus defeitos,
Desenhados por quem tem preconceitos,
Ou talvez má vontade manifesta.

Que devo então fazer? O melhor jeito
É sorrir com ironia de tal conceito,
A caridade, sem ferir, modesta.

CENÁRIOS IMPREVISTOS

Na estância quotidiana de emoções
De minha vida quase tão sem graça,
Às vezes um imprevisto faz-me à praça
Trazer sabor de novas sugestões.

A amenizar assim minhas tensões,
Eis que a harmonia das cousas se entrelaça
A uma extrema ternura que me abraça
A eliminar doridas impressões.

Sobretudo é na fé e no amor de Deus,
Os quais me elevam a alma para os céus
E constituem meu forte sustentáculo.

São amáveis expressões de tal beleza
Que a vista me conseguem tornar presa
À doçura sem par dos seus tentáculos.

TROVAS DE FÉ

Por trás de toda beleza
Vejo a Deus Nosso Senhor.
Do complexo natureza,
Quem, senão Deus, é o autor?

A ninguém convém querer
Fugir à face de Deus.
Ele está sempre a nos ver,
No mar, na terra, ou nos céus.

Para o nosso próprio bem,
Deus revela a sua presença
No carente irmão que vem
Pedir ajuda, assim pensa

O bom cristão reverente,
Na mesma pessoa dos pobres
Ele vê Jesus presente,
E os ama com afetos nobres.

Quem na presença de Deus
Vive constante no amor,
Tanto aqui, como nos céus,
Será feliz no Senhor.

Quem bebe luz e calor
De Deus à face querida,
Será sempre um vencedor
Nas frias estepes da vida.

Eu sou pobre e pecador,
A lutar constantemente.
Que as fráguas de vosso amor
Tornem minha alma inocente.

Confio em vós, tão somente,
Se o mundo é falso e falaz.
Pois Deus nos leva p'ra frente
E o mundo arrasta p'ra trás...

Os vãos prazeres mundanos,
Como no éden a serpente,
Insinuam-se, trazem danos,
Com professas falsamente.

Permaneço ante a sua face,
E a Deus rogo proteção
Que me livre deste impasse
Que aos maus traz condenação.

É a esperança do cristão
Deus, rochedo da alma pura,
Nunca despreza a oração
Daquele que lh'O procura.

Quem jamais na vida alçou
Às experiências da luz,
Certamente não encontrou
A presença de Jesus.

As ciências, em geral,
São-nas regidas por leis,
Como a ordem universal,
Seus infinitos painéis.

E onde existem leis, amor,
Este fato por si só,
Implica um Legislador;
Não há nisto nenhum nó.

O acaso não justifica
Os seus módulos ancinhos;
E o quanto isto significa
No seu processo e caminhos.

Ao coquetel das ciências
Cuja razão nos convida,
Os há com tais sapiências
Códigos próprios da vida.

Não se lhes pode negar
Um Princípio Soberano
Que os transcende a regular,
Do chão bruto ao ser humano.

Belezas da natureza,
Com suas vitais harmonias,
Num consenso de grandeza
Mostram-nos Deus, com alegrias.

Um Ser Supremo os criou
E a tudo rege com amor.
Mas o homem, a quem honrou
Com seus dons, o Criador,

Nem sempre correspondeu
A seus apelos de amor.
Em vez de afetos Lhe deu
As costas com despudor.

Ao tentar eliminar
O Senhor — Razão de tudo —
Dá-se o homem a despojar
De sua nobreza, seu escudo.

O Cosmos ilimitado
Fala de um Deus infinito,
A Quem o nosso pecado
Ofendeu, como é descrito.

Nas Sagradas Escrituras,
Quando em página sombria
De frustrações e amarguras,
O primeiro casal caía.

Mas o próprio Redentor,
Homem-Deus, quis restaurar
Nossas relações de amor
E o filho ao Pai religar.

Entregando a própria vida,
O perdão nos mereceu.
Para o seu Reino convida
Todo homem que nele creu.

Iluminai, Senhor Deus,
O coração do descrente,
Para que veja nos céus
Seu destino transcendente.

Que a salvação de Jesus
Pelos povos seja aceita,
Caminho, Verdade e Luz
Para uma vida perfeita.

Tende sentimentos sãos,
Justiça a todos buscai.
Pois somos todos irmãos
E filhos do mesmo Pai.

Tão sublime parentesco
Una-os todos na vida,
Pois seremos como o afresco
De Deus — família querida.

ANALOGIAS

Como a leve borboleta
Que parasse de bailar,
Pousa a jangada discreta
Na folha verde do mar.

Assim nívea flor modesta
Na cabeleira ondulada
Das ondas do mar em festa,
Posta com amor — é a jangada.

A jangada que balança
Nas ondas verdes do mar,
É símbolo que retouça
Mares, terras de Alencar.

Se a gente passa esta vida
A praticar a virtude,
E a fazer o bem, querida,
Ninguém vê nossa atitude.

Mas, se algum dia, por fraqueza,
Incidirmos numa falta,
Alvejados, com certeza,
Ladra-nos toda uma malta.

NA MORTE DE TANCREDO NEVES

À D. Risoleta Neves

Vinte e um de abril de oitenta e cinco; morre
O Presidente ideal Tancrede Neves.
E a infausta notícia, a instantes breves,
O mundo inteiro célere percorre.

Tancredo Neves morre. Impacto ingente
Comove a todo o povo brasileiro
Que há trinta e nove dias orava, inteiro,
Pela saúde do amado Presidente.

No seu luto, a Nação mobilizou-se
Na maior consagração aqui já vista,
Nos funerais ao lídimo estadista
Que à sua fé democrática imoulou-se.

Assim tu foste o mártir-Presidente
Crucificado a um leito de hospital.
Por teu Calvário resgastaste o ideal
De tua Nova República nascente.

Morreu Tancredo Neves, e o Brasil
Em peso chora a perda irreparável
Do filho ilustre, o gênio inquebrantável
Que o servira com amor, de formas mil.

Morreu Tancredo Neves, o admirável
Coordenador genial das forças vivas
Do Pais, a abrir-lhe novas perspectivas
De esperança feliz, quão realizável.

Morreu Tancredo Neves, o criador
Da República Nova, que assim fica
Órfã, mas seu legado a identifica
Com a sã democracia posta em vigor.

Não foi teu grande sacrifício em vão...
Liberdade e justiça, amor e paz,
Prosperidade e ação, teu sonho audaz,
À luz dos céus da Pátria crescerão.

Jamais a nossa gente irá deixar
Cair o facho que empunhaste aceso.
Teu povo forte, unido e mais coeso,
A teu exemplo o saberá exaltar.

Teu nobre patriotismo, teus ideais,
Serão bandeira para os que ficaram.
Se antes, juntos a ti já acompanharam
Tua sábia liderança, hoje, ainda mais.

Com teu exemplo de fé e civismo auguras
Às nações outras sul-americanas
Que busquem seus caminhos nas arcanas
Estâncias libertárias mais seguras.

Repousa em paz no leito derradeiro,
Teus companheiros não serão omissos,
Mas saberão honrar teus compromissos
Assumidos com o povo brasileiro.

Por Deus, que sempre amaste, decidido,
Servindo-O como filho, no extremo hausto,
Teu sacrifício é aceito, em holocausto,
Por um Brasil feliz e redimido,

Como o sonhaste um dia, herói pacífico,
Vencedor de um regime autoritário.
De amor e de Justiça, o teu ideário
Persuade, carismático e magnífico,

Que atraídos, após si, pela esperança
De dias melhores, seguem-no as sofridas
E imensas multidões desiludidas,
Ao renascer-lhes na alma a confiança.

Conceitos de direito expondo ao povo
Reconcilia-o com a classe governante,
Ao saber-se também participante,
Da gestão oficial, no plano novo.

O teu nome será sempre lembrado
Das gerações de hoje à posteridade
No exemplo de justiça e dignidade,
A serviço do povo, por ti dado.

Foste o ídolo da brasileira gente,
Tua caminhada cívica mostrou.
E ainda, soubeste-o ser, quando chegou
O adeus da despedida mais pungente.

Dorme agora no seio da terra amada
De tua São João Del-Rey, e em nossa história,
Como um filho querido, envolto em glória,
Teu nome guarda a Pátria devotada.

Dos cearenses recebe neste verso,
Os goivos da saudade, e esta esperança
Latente em teu programa, excelsa herança
De um Brasil grande e justo, no Universo.

.....

"Coração de Estudante" em melodia,
Ficará associado a esta hora triste,
Mas também de grandeza que resiste
Na memória do tempo que a irradia.

NOTA: Este livro já se encontrava na Editora, quando ocorreu a morte do Presidente Tancredo Neves, daí o encontrar-se este poema no fim do livro.

ÍNDICE

Fragmentos e Poeira 5
Meus versos 6
Soneto 8
Um Balanço 9
Paisagem Francesa 10
O Forte da Assunção 11
Hitler 12
Exortação 13
Avante Irmão 14
Proteção Divina 15
Ampara-me, Senhor 16
Prefiguração 17
Uma presença 19
Consagração a Maria 20
Maria 21
Prece 22
Catedral de Fortaleza 23
Ante a Criação 25
No Êxodo 26
Natal 28
No Limiar de 1980 29
Confiteor 30
Sofrimento e Esperança 32
Minha "Via Crucis" 33
Conceitos Vivenciais 34
Razões dos Fracos 43
Quando Chega a Velhice 44
Melancolia 45
Sublimação 48
Quando Moço 49
Cincoenta e Nove Anos 50
Ilusões Desfeitas 51
No Crepúsculo 52
Sobre a Tristeza 53
Cenários Contrastantes 54
Retrospecto 56
Perturbação 60
Música do Passado 61
Ao Mons. Tito Guedes 62
A José Perboyre C. Pinheiro 63
Alma de Artista 64
José Maria Louzada 65

Bela Cruz 66
Saudação Jubilar 67
Ao Mons. Odécio 68
Filarmônica de Bela Cruz 69
Procissão dos Mortos 70
Acaraú 71
A Poesia 72
A Um Poeta 73
Quando Chega o Inverno 74
Paisagem Hibernal 75
Criador e Pai 76
Ao Amanhecer 77
Suave Encantamento 79
Amor Universal 80
Campesino 81
Na Roça 82
Paisagem do Campo 83
Realidade 84
Detratação 85
O Falso Puritano 86
Um Boneco 87
Pedra de Tropeço 88
Adiamento 90
Cenas da Seca 91
O Problema da Seca 92
Pelos Flagelados 93
O Mendigo 94
O Cego da Praça 95
Feliz Encontro 97
Em Noite de Verão 98
Um Visual 99
Noites de Luar 100
Máscara de Palhaço 101
Poema 102
Fonte de Graças 111
Círculo Vicioso 112
Creio em Deus 113
Ambição Ilícita 114
Ruínas 115
Ironia e Humildade 116
Cenários Imprevistos 117
Trovas de Fé 118
Analogias 124
Na morte de Tancredo Neves 125